

## EQUOTERAPIA PARA UMA CRIANÇA AUTISTA: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE

Adones Luan da Cruz<sup>1</sup>

Profa. Dra. Ivani Cristina Voos<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho, busca observar as relações de vínculo de uma criança autista no contexto da equoterapia, investigando seus processos emocionais e de vínculo a partir da psicanálise. Trata-se de um estudo de caso, onde descreve-se e analisa-se os atendimentos, utilizando autores que dialogam sobre os temas da equoterapia, do autismo e da psicanálise. Severo (2010), Almeida (2021) e Freud (2010) em seus escritos de (1917 a 1920). Conclui-se neste estudo, que a equoterapia aplicada numa perspectiva ética e de cuidado, contribuiu para o desenvolvimento psicossocial da criança atendida, bem como, juntamente com a psicanálise, apresentam-se como alternativas terapêuticas, capazes de questionar preconceitos e estigmas nos tratamentos oferecidos às pessoas autistas.

**Palavras-Chave:** Equoterapia. Autismo. Psicanálise

### INTRODUÇÃO

Na área da saúde, a palavra terapia se refere a um acompanhamento regular e específico a alguma demanda em saúde, tendo essas intervenções terapêuticas, senso individual ou coletivo, compostas de atendimentos específicos ou multidisciplinares. A terapia assistida por animais (TAA), compõe essas principais características, atuando em diferentes campos da saúde física e mental. De modo sintético, significa dizer que “Envolve serviços profissionais da área médica e outras,

---

<sup>1</sup> Psicólogo Social e Clínico. Acadêmico do Curso de Pós-Graduação em Intervenções Assistidas Por Animais do Instituto Federal de Santa Catarina - Campus Xanxerê. E-mail: adonesdacruz@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Dra. lotada no Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão do Instituto Federal de Santa Catarina - Câmpus Palhoça Bilíngue. Email: ivani.voos@ifsc.edu.br

que utilizam o animal como parte do trabalho e do tratamento” (Dotti, 2005, p. 30). Considerando ainda, que na TAA o apoio terapêutico corresponde ao campo multiprofissional, já que os fatores de interação terapêutica entre homem-animal, passam por aspectos amplos da natureza física e psíquica de ambos.

Dentro das inúmeras possibilidades da TAA, encontra-se a Terapia Assistida por Equinos, onde o cavalo é utilizado como animal de apoio, dentro desta categoria, nos regimentos da Associação Nacional de Equoterapia ANDE (2010), utilizaremos o termo Equoterapia a nos referir a Terapia Assistida por Equino, realizada neste estudo. Numa definição simplificada, Medeiros e Dias (2002) relatam que a equoterapia trabalha especificamente em três áreas: educação, saúde e equitação, tratando-se de uma abordagem terapêutica e educacional que utiliza, o cavalo, como animal intervencional, com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento biopsicossocial das pessoas, de modo interdisciplinar. De acordo com a ANDE (2010), às práticas em equoterapia se difundiram no apoio terapêutico e principalmente na reabilitação de pessoas com deficiência.

Ao nos referirmos a esta população, encontramos respaldos legislativos que por consequência estendem a oferta do atendimento em equoterapia para pessoas autistas. O autismo está enquadrado no Estatuto da Pessoa com Deficiência - Lei nº 13.146 (Brasil, 2015), lei esta que tem por base assegurar e viabilizar os direitos e liberdades fundamentais da pessoa com deficiência. Seguridade, também ampliada às pessoas autistas.

A representação do autismo no âmbito das deficiências, ou a própria patologização desta condição, de acordo com Ortega (2008) vem sendo amplamente discutida. Em relação ao que as pessoas autistas afirmam, o autor comenta: “Para eles, o autismo não é uma doença, mas uma parte constitutiva do que eles são” (p. 73). Ressaltado ainda, que o autismo trata-se de uma condição neurodivergente, que pode ocasionar características distintas no desenvolvimento da linguagem, comunicação, comportamento e socialização da pessoa.

Lidamos então, com uma questão complexa a ser explorada. Quais os benefícios em saúde, na prática equoterapêutica realizada por uma criança autista? Considerando o aspecto singular de suas construções subjetivas, trazemos para a investigação desta pergunta a psicanálise, pensando em teoria e em práticas que possam construir um ambiente propício a se trabalhar o vínculo e as relações interpessoais da criança atendida em equoterapia, respeitando sua constituição

subjetiva e não instituindo um modelo comportamental a ser seguido.

O psicanalista Garcia Roza fala que “(...) a psicanálise se apresenta como uma teoria e uma prática que pretende falar do homem enquanto ser singular” (2009, p. 22). Afirmando ainda, que a abordagem psicanalítica, abre locais de escuta individuais e subjetivas que por ventura ainda não eram ouvidas em relação ao alívio que necessitava o sujeito, e mais que isso, assinala que o surgimento desta teoria procura ouvir os símbolos do sujeito para além do esperado controle dos corpos, já constituído pela sociedade capitalista que se estabelece no século XX. Frente às demandas terapêuticas para o apoio a pessoas autistas, este trabalho apresenta-se numa perspectiva afirmativa, descrevendo o espaço de produção emocional do paciente.

Considerando estes aspectos, entender como a equoterapia pode auxiliar na construção psíquica e de vínculo de uma criança autista, é o objetivo geral deste estudo. Para tanto, em seu desenvolvimento, realiza-se uma construção teórica dos temas pesquisados, (equoterapia, autismo e psicanálise). Posteriormente, coleta-se e organiza-se os atendimentos em equoterapia relatados.

Estes relatos, visam correlacionar aspectos psicoemocionais do indivíduo, com o manejo dos terapeutas, bem como, os possíveis contatos com os animais e as atividades realizadas pelo paciente durante os atendimentos. Ou seja, trata-se de um estudo de caso, em que os acontecimentos investigados foram observados sobre a perspectiva psicanalítica. Além disso, seu vértice principal pretende de modo despretensioso englobar discussões sobre a relação do homem com os equinos no âmbito geral das Terapias Assistidas por Equinos (TAE), aqui configurada como Equoterapia.

## RELAÇÕES SIMBÓLICAS ENTRE HOMEM E EQUINO E A CONSTRUÇÃO DA EQUOTERAPIA

Historicamente, as relações entre o ser humano e os animais abrigam várias contextualizações sócio-culturais, desde a domesticação para serviço até os encontros em que se propôs um reconhecimento psicoemocional entre espécies. Isto não foi diferente com o cavalo. A mentalidade do equino, foi se modificando juntamente com os comportamentos e adequações dos seres humanos em sua construção civilizatória. Esta relação, primeiramente baseada na caça, na conquista e dominação, abrigou a figura do cavalo em distintos locais do simbolismo e da vivência

humana, relação tão diversa que o cavalo ocupa várias frentes de nossas atividades, seja no esporte, na agricultura, no lazer e na saúde (Smythe, 1990). Além dos apoios cotidianos, nossa cultura e mitologia transformam o cavalo nesta figura simbólica a um tempo considerável. Sobre esse fator Severo (2010) aponta que:

A mitologia, exemplificada na figura do centauro, um ser metade homem e metade cavalo, e as artes, nas pinturas rupestres de Lascaux, na França, datadas de 15 mil anos, registram o cavalo em sua relação com o ser humano e como agente terapêutico (p. 18).

Ao adentrarmos o campo simbólico desta relação, o psicanalista Carl Jung (1964), em *O Homem e seus Símbolos*, aponta a presença primitiva do cavalo como representação religiosa e mitológica na cultura de inúmeros povos, relatando que ascensão do cristianismo, juntamente com as tentativas de desligar o homem de sua classe animal e aproximar de um suposto divino, fizeram com que muitos rituais em referência a figuras equinas fossem proibidos e conseqüentemente extintos. No entanto, para o autor, na psique humana a permanência dos instintos primitivos representados muitas vezes pelo cavalo, não deixam de existir, mesmo com algumas possíveis repressões, a identificação humana com o instinto animalesco continuará existindo.

Outros aspectos que corroboram as ideias do psicanalista Jung, são encontradas num recorte do filme *Clir Blanc* (1953), onde um garoto foge montando num cavalo, Jung destaca: “Cavalos selvagens simbolizam, inúmeras vezes, impulsos instintivos incontroláveis que podem emergir do inconsciente e que muitas pessoas tentam reprimir” (1964, p. 174). Aproximar-se deste local inconsciente, onde a representatividade dos equinos acusa nossa falta de controle do real, o que nos é inerente, paradoxalmente, defronta com a possibilidade da força representada pelo animal em nos resgatar internamente.

Este espaço múltiplo de atuação relacional entre humanos e equinos, se deve também a fatos de apoio unilateral na sobrevivência das duas espécies. Para Cintra (2011) “A conquista do cavalo pelo homem permitiu-lhe avançar mais que o limite físico humano jamais conseguiu. Aumentou sua capacidade de carga e velocidade, diminuiu as distâncias, aumentou sua capacidade de conquista” (p. 10). Ambos os autores, Jung e Cintra, relatam que o proveito desta relação, esteve baseado na dominação humana, como ocorreu na domesticação de outros animais pelo mundo. No entanto, entre o real e o simbólico, esta relação desemboca no campo afetivo,

devido a similaridades encontradas nos dois seres - homem e cavalo.

Em uma definição sobre os equinos, Lermontov (2004) afirma que “O cavalo é um mamífero, herbívoro, não agressivo. É um quadrúpede, com locomoção similar ao ser humano. É um animal que vive em manada, o que lhe dá segurança e permite relacionamento afetivo” (p. 52). A autora destaca que tanto o cavalo, quanto o homem se orientam a uma vida coletiva. Compreendendo de maneira ampla, as equivalências entre homem e o animal, Freud afirma:

O homem não é algo diferente nem melhor que os animais; é ele próprio de origem animal, mais aparentado a algumas espécies, mais distante de outras. Suas conquistas posteriores não puderam apagar testemunhos desta equivalência, tanto na estrutura do corpo como na disposição psíquica. (Freud, 2010, p. 185).

Sobre a estrutura comentada pelo autor, considerando essa correspondência em relação ao cavalo, trata-se de um animal de grande porte, tendo como característica principal, a possibilidade de montaria devido à natureza corpórea do cavalo e do ser humano. Porém, antes da montaria, as condições de manejo emocional e sensorial podem garantir, ou não, o sucesso deste convívio. Cintra (2011) aponta que “O cavalo, e mesmo um potro, pode facilmente ser conquistado com manejo diário de o escovarmos por inteiro, com delicadeza” (p. 26). Essa conquista, assinala os benefícios mútuos entre espécies, bem como revela a sensibilidade sensorial que o cavalo possui.

De acordo com Smythe (1990) “Um animal tão alerta quanto o cavalo e tão sensível a uma grande variedade de estímulos deve necessariamente possuir um sistema nervoso compatível com essa sensibilidade” (p. 43). A partir desta constatação, a equoterapia encontra um terreno propício para seu estabelecimento enquanto prática terapêutica.

As habilidades encontradas nas duas espécies - humano e equino - convergem na possibilidade de atendimento terapêutico. Para Severo (2010):

Essa fusão neurofisiológica proporciona melhor coordenação sensório-motora entre cavalo e cavaleiro, pois une o centro de gravidade dos dois corpos, possibilitando a obtenção de equilíbrio em todos os movimentos e ações (p. 105).

O autor aponta ainda que esses processos estão estreitamente conectados com a produção de bem-estar em saúde biopsicossocial do praticante em

equoterapia. Conceitualmente, a equoterapia, tem por definição este aspecto de trabalho múltiplo, para além dos apoios físico-motores, é uma prática onde irá se observar relações vastas que uma terapia pode estabelecer nos auxílios e mediações que o ser humano possa necessitar.

Historicamente pode-se destacar que a equoterapia mais próxima do que conhecemos hoje, surge dos benefícios plurais observados na relação homem e equino. Medeiros e Dias (2002) explicam que o uso dos equinos em terapia aconteceu de forma mais acentuada, depois da primeira guerra mundial, nota-se que “[...] o cavalo entrou definitivamente na área da reabilitação, sendo empregado como instrumento terapêutico nos soldados do pós-guerra” (p. 03). Como marco oficial, para pensar essa prática enquanto possibilidade técnico-científica, surge no Brasil a criação da Associação Nacional de Equoterapia - ANDE - em 10 de maio de 1989.

Segundo a própria instituição (ANDE, 2010), “A palavra EQUOTERAPIA, foi criada pela ANDE-BRASIL, para caracterizar todas as práticas que utilizem o cavalo com técnicas de equitação e atividades equestres. Objetivando a reabilitação e ou educação de pessoas com deficiência [...]” (p. 8). O emprego da palavra ainda é fonte de discussões no campo das TAA (Terapia Assistida por Animais). Existe hoje, trabalhos e atuações em que podemos encontrar a terminologia TAE (Terapia Assistida com Equinos).

No Brasil, existe uma lei que estipula e rege esta prática é a lei nº 13.830, de 13 de maio de 2019, onde traz a seguinte definição “Equoterapia, para os efeitos desta Lei, é o método de reabilitação que utiliza o cavalo em abordagem interdisciplinar nas áreas de saúde, educação e equitação voltada ao desenvolvimento biopsicossocial da pessoa com deficiência”. Diante do exposto, preferimos aqui, seguir com a nomenclatura da referida instituição, (equoterapia) já que, compreende como atividades equestres, modelos de atendimento terapêutico e intervenções em que o cavalo esteja presente, seja na montaria, ou nas chamadas atividades de solo, onde não se monta no cavalo. Considerando também que os documentos e a condução ética estabelecidas no atendimento caracterizado neste estudo, estão ordenadas pela ANDE (2016), em escrito regulamentador denominado “Princípios Éticos da Equoterapia”.

Tendo um amplo campo de atuação, a equoterapia atua de modo direto nas áreas do bem-estar psicológico dos seres humanos envolvidos, além de ter como dever agir no cuidado, atenção ao bem-estar e saúde dos equinos. Deste modo, o

profissional de psicologia que for atuar na iniciação do praticante, necessita mediar os contatos afetivos e emocionais que o ambiente, a equipe e próprio animal possam emergir e por ventura necessitem de escuta, acolhimento ou intervenção. É de suma importância compreender as características emocionais que compõem a tríade - Animal, Terapeuta e Praticante (Uzun, 2005). Essa compreensão deve estar no domínio dos distintos terapeutas, afinal será por definição, um equoterapeuta, a produzir apoio a partir de seu campo profissional, seja fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, psicóloga (o), entre outros.

Como assinalado, o devir mente e corpo, em equoterapia são compreendidos como unidades não separadas, mas unidas, as mediações terapêuticas atendem realidades diversas, de indivíduos que operam mentalmente também de maneiras distintas, neurodivergentes. Entendendo esta estrutura, a equoterapia possui algumas indicações entre elas: “Doenças genéticas, neurológicas, musculares e clínico metabólicas; Sequelas de traumas e cirurgias; Doenças mentais, distúrbios psicológicos e comportamentais; distúrbios de aprendizagem e linguagem” (ANDE, 2010, p. 51). Não obstante, considerando esta relação mútua que ocorre entre o homem e o equino, adiante, verificaremos estudos em que a equoterapia já vem sendo utilizada para o auxílio a pessoas autistas.

Contudo, ao nos referirmos às interdisciplinaridades de atuação em equoterapia, deve-se considerar como primíssima que: “O primeiro objetivo continua sendo ligar o paciente ao tratamento e ao terapeuta” (Severo, 2010, p. 276). Em destaque, o autor prossegue relatando sobre os desafios encontrados caso o vínculo não consiga se estabelecer, já que toda terapia exige condições psicoemocionais recíprocas e convergentes. Cabe ao terapeuta mediar essas nuances, ressaltando o cavalo como agente ativo neste enlace. Este trato ético, se estabelece como necessário para que as possibilidades em equoterapia frente a demandas diversas, possam ser exploradas na sua potência múltipla.

## BREVES ASPECTOS DO AUTISMO: POSSIBILIDADES EM EQUOTERAPIA

Ao adentrar possíveis definições do que seria o autismo, faz-se necessário compreender que no âmbito da saúde, mais precisamente, biomédico, autismo é um diagnóstico, com casualidades multifatoriais, sendo eles possivelmente, neurológicos, orgânicos e também voltados a aspectos psicossociais, concebido como uma

desordem do neurodesenvolvimento (Almeida, 2021). Dito isso, no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM<sup>3</sup>, o autismo pertence à categoria dos transtornos do neurodesenvolvimento. As terminologias, ainda podem encontrar definições datadas de preconceitos e determinismos, como ocorre com o trato dos transtornos mentais, neurológicos e com possíveis deficiências (Silva, Gesser e Nuernberg, 2019).

O campo de discussão é amplo, e aqui, levamos em consideração o modelo social de deficiência, onde questiona-se o capacitismo e as terminologias possivelmente ofensivas a esta comunidade. Concebendo esta abordagem social, nota-se que “[...] a partir de um processo bilateral, retira a pessoa como centro e estabelece uma relação em que ambos (sujeito e sociedade) são partícipes na construção e efetivação do processo inclusivo” (Carvalho e Marquezan, 2003 *apud* Silva Gesser e Nuernberg, 2019, p. 201).

Tendo em vista aspectos inclusivos, adotamos o termo autismo ao nos referir aos apoios terapêuticos e/ou diagnóstico em si. Já quando se refere ao sujeito, a terminologia empregada será pessoa ou criança autista. Nas citações diretas o autismo por vezes aparece como Transtorno do Espectro Autista (TEA), por tratar-se de um campo em discussão não determinado, ainda com divergências em unificação terminológica.

Segundo Schmidt (2013) o autismo pode ser “[...] definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico que deve estar presente desde a infância, apresentando déficits nas dimensões sócio comunicativa e comportamental” (p. 13). Ou seja, o indivíduo em seu comportamento, em sua socialização e comunicação, apresentará um desenvolvimento atípico, com características distintas das construídas socialmente como lineares.

Apesar desta compreensão, o diagnóstico não conclui em totalidade como irá ser o comportamento das pessoas autistas, tratando-se de um espectro, cada sujeito terá uma repercussão diversa na sua estrutura psíquica. De modo exemplificado, uma pessoa autista pode possuir acesso a uma comunicação verbal, e outra não. Para tanto existe a concepção dos suportes, antigamente ditos como níveis, suporte 1; suporte 2; suporte 3, a depender das acessibilidades e mediações, que cada pessoa

---

<sup>3</sup> Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Psiquiátrica Americana, instrumento de profissionais da psiquiatria, psicologia, neurologia e áreas afins à saúde mental que orienta avaliação e diagnóstico a partir da sintomatologia.

irá necessitar ao longo de sua vida. (Schmidt, 2013).

Assim, é possível dizer que existe uma complexidade a ser detalhada sobre o que é o autismo, porém as avaliações mais recentes e o diagnóstico prematuro, podem estar caminhando para obtenção de respostas e terapias mais plurais e talvez menos intrusivas, este processo pretende não condicionar o autismo como algo a ser patologizado a todo instante, e sim achar alternativas de suporte aos sintomas (Almeida, 2021).

Quanto à obtenção ou conclusão diagnóstica, são necessários critérios de observação múltipla aos sintomas. "O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é realizado por uma equipe multiprofissional composta por médico neurologista, psicólogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional e fisioterapeuta" (Almeida, 2021, p. 30). De modo conjunto, é necessário que esses profissionais observem e realizem os levantamentos dos possíveis sintomas que o paciente apresenta em suas várias ambientações, com diálogo estreito à família e à escola, bem como atendimentos individuais e de grupo, devido a organização da sintomatologia.

Existe uma pluralidade de sintomas encontrados no autismo. No campo da comunicação e linguagem, encontra-se desde a não produção verbal, as ecolalias e dificuldades expressivas no campo abstrato e expressivo. Na Interação social, as pessoas autistas costumam apresentar tendências ao isolamento com dificuldades de compartilhar vivências e atividades com outros indivíduos, desencadeando num processo mais característico no estabelecimento de vínculos. O comportamento geral, também se apresenta complexo, a rigidez comportamental é uma destas características, dificuldades de se ambientar, cristalizando rotinas e organizações. Ao uso de objetos, observa-se comportamentos distintos ao efetivar trocas, mudar de foco, ou ao contrário ter foco difuso, as fixações objetais estão presentes na maioria dos casos. Em alguns casos, observa-se também, desenvolvimento atípico em suas psicomotricidades (Severo, 2010).

Devido a essas características, as terapias oferecidas às pessoas autistas, se pretendem a diminuição e compreensão dos sintomas. Neste contexto, a inserção das TAA (Terapias Assistidas com Animais) se faz cada vez mais presente, devido a sua atuação diversa. Conforme Soares *et al.* (2018):

Os benefícios da TAA ultrapassam a melhora de sintomas específicos, déficits motores ou cognitivos, propiciando um bem estar multidimensional, no contexto social, ocupacional, psicológico e físico do indivíduo (...) (p. 219).

As mesmas autoras complementam que a TAA se objetiva a enxergar a condição do sujeito em sua totalidade biopsicossocial, esta qualidade está permanente e intrínseca também na atuação da Equoterapia e os benefícios desta característica estendem-se para os praticantes sob o Transtorno do Espectro Autista. Completando a ideia:

No paciente com TEA a equoterapia pode apresentar grandes benefícios, pois o simples contato com o animal gera reações de emoções, expressões e interesse por novas atividades. Consequentemente, aprimora habilidades de comunicação e interação social, além de estimular funções cognitivas, motoras e emocionais, é possível melhorar a atenção, autoconfiança, independência e coordenação. (Almeida, 2021, p. 145).

Em estudos realizados a fim de compreender o apoio que a equoterapia pode estabelecer no auxílio terapêutico a crianças autistas Celeste, Pedra e Rezende (2022) consideram que “Trabalhar aspectos relacionados à linguagem e à atenção conjunta na equoterapia pode trazer resultados positivos para crianças e adolescentes com diagnóstico de TEA” (p. 19). Os resultados comentados pelos autores, relatam melhora comunicativa em crianças autistas que tiveram contato com os apoios terapêuticos propostos pela Equoterapia, conseguindo alcance na elaboração de sua oralidade, além de tornar mais acessível a expressão destes indivíduos no campo das linguagens.

Reiterando, o autismo se trata de uma condição neurológica, onde estão envoltas várias questões sensoriais, isto significa que a pessoa autista recebe as informações do mundo e de sua própria orientação de modo distinto, a requerer algumas adaptações ambientais. Pois bem, a equoterapia proporciona orientação a sua corporeidade no pertencimento a si, na construção de sua identidade física e simbólica. No caso do praticante autista, a imposição de sons, toque, visualizações e percepções gerais dos sentidos, na maioria das vezes necessita de mediação (Severo, 2010). Para o autor, apresentar o mundo sensório-perceptivo sobre a perspectiva equoterapêutica, oportuniza trabalhar simultaneamente habilidades neurais e sensório motoras do indivíduo.

## A PSICANÁLISE NA INTERCESSÃO EQUOTERAPIA E AUTISMO

Considerando os tratamentos em relação a proposta equoterapêutica

intencionando respeitar a vivência subjetiva da pessoa autista Ferreira e Vorcaro (2017) explicam que: “Para nós, psicanalistas longe de ser vítimas de seu cérebro, o autista é um sujeito em permanente e vigoroso trabalho” (p. 79). As autoras referem-se a continuidades de seus psiquismos e de suas constituições inconscientes, indiferente de posições biológicas extremas, ou melhor, abarcando o que é mente e corpo mutuamente, disputa ainda contemporânea nos campos das saúdes humanas.

Em relação ao sujeito paciente/praticante, a psicanálise enquanto fazer, opera no campo de possibilitar a expressão inconsciente, ressaltada por Garcia-Roza “A prática psicanalítica se propõe a tornar explícito o sujeito da enunciação, partindo do sujeito do enunciado” (2009, p. 150). Ou seja, para o autor, o que se mostra como comportamento está relacionado a processos inscritos, por vezes sem domínio racional, no campo do inconsciente, passível de interpretação e análise, não de determinismos.

Quanto às questões inconscientes trazidas à luz pela psicanálise, no jogo psíquico (terapeuta e praticante) dentro da equoterapia, sendo o terapeuta a primeira figura que anuncia esta possibilidade, Severo (2010), relata:

O empréstimo do seu ego<sup>4</sup> ao paciente contribui para brindá-lo com um futuro, atuando como um espelho dos aspectos mais neuróticos de pacientes encurralados pela parte psicótica (p. 272).

Objetivando um tratamento que considere o sujeito potente, não a parte de sua condição subjetiva e das suas linguagens, podendo integrá-lo às relações interpessoais.

Conforme Ferreira e Vorcaro (2017) os estudos iniciados pela perspectiva psicanalítica, já chegaram a conceber o autismo como pertencente ao mesmo local das psicoses. Na contemporaneidade, mostra-se questionadora dessas posições, neste sentido as mesmas autoras explicam que: “Se em alguns campos do saber o autismo, tal como a psicose, é uma “doença” a ser extirpada, para psicanálise é um trabalho de autotratamento, daquilo que sidera e consome o sujeito; o Real” (p. 56).

---

<sup>4</sup> Em síntese, O ego é uma estrutura psíquica cunhada por Freud, para identificar as dinâmicas inconscientes que o “eu” de cada sujeito opera frente a diferentes demandas do ambiente interno e externo, de maneira física e psíquica. Para Garcia-Roza (2009) “É para impedir o desprazer decorrente dessa confusão que uma formação do sistema se diferencia e passa a desempenhar a *função de inibição* do desejo quando se trata de um objeto alucinado. Essa formação é chamada por Freud de *ego*. O ego é, portanto, uma formação do sistema psíquico e não do sistema fisiológico”. (p. 56).

Essa ponte entre o mundo inconsciente e a realidade, podendo então ser construída, com cuidado psíquico, pelo terapeuta e o equino.

Compreendendo estes aspectos psíquicos, a abordagem psicanalítica aparece na equoterapia como integradora dos processos inconscientes que o ser humano pode despendrercavalo. Perspectivas já assinaladas por pensadores fundantes da psicanálise, destacando alguns deles:

Freud recomendava o cavalo para casos de histeria e insônia. “É o único movimento que se assemelha ao movimento do útero materno”. Jung: Nossa relação com o mundo é através dos símbolos (arquétipos - ideia). Um dos arquetípicos mais fortes para a teoria junguiana é o cavalo; ele evoca poder, força, autoridade e transmite em quem o monta a sensação de controle e domínio. Winnicott: Objeto transicional => Cavalo (facilitador de novas condições, de novas experiências). A relação com o cavalo é de troca => Formação de vínculo afetivo (ANDE, 2010, p. 64).

Sobre essas interações psíquicas em equoterapia, Lermontov, comenta que “O cavalo pode ser uma forma de acesso entre a realidade do praticante a do terapeuta. Ele funciona como “objeto intermediário” entre o mundo intrapsíquico do praticante, carregado de fantasmas, de desejos e de angústias, e o mundo exterior” (Lermontov, 2004, p. 99). Na teoria Winnicottiana, percebemos que as relações objetais são necessárias para o desenvolvimento social dos indivíduos.

O ser humano percorre um caminho desde a subjetividade até a objetividade relacionando-se com três tipos de objetos: subjetivo, transicional e objetivamente percebido, os quais têm relação com as três áreas da vida, da realidade psíquica, a cultural e das relações interpessoais (Outeiral, 1998, p. 11).

O animal neste contexto de produção relacional, pode fortalecer o encontro do sujeito com a imposição nem sempre segura do real, que se apresenta enquanto estrutura sociocultural. Para Soares *et al.* (2018) “O profissional e o animal atuam diretamente na afetividade, nas relações conflitivas e sociais de cada pessoa” (p. 66). Por tanto, Severo (2010) acrescenta que em equoterapia, compreender conceitos primordiais do encontro analítico entre terapeuta e paciente, a exemplo da transferência destacada por Freud, possibilita o enlace psíquico desse primeiro contato. Ferreira e Vorcaro (2017), observam.

[...] a possibilidade da transferência, compreendida como operação significante, abrindo caminho para o degelo. Dito de outro modo, as construções feitas por um autista a partir do dispositivo analítico podem fazer

simulacro das operações constitutivas do sujeito (p.85)

Em continuidade, Severo (2010), aponta que após conquistado o espaço transferencial, estas operações constitutivas estarão acontecendo noutra processo inconsciente, a contratransferência, onde o paciente começa a se relacionar com o inconsciente do terapeuta. Citando Freud, Zimerman (2007) define:

Para Freud, a contratransferência consistia nos sentimentos que surgem no inconsciente do terapeuta como influência nele dos sentimentos inconscientes do paciente, e ele destacava o quanto era imprescindível que o analista “reconhecesse essa contratransferência em si próprio, bem como a necessidade de superá-la” (p. 348).

Aí está um início terapêutico que pode ser extremamente positivo, a depender e muito, do modo como o terapeuta irá conceber e acolher até mesmo as possíveis defesas, ataques físicos e emocionais que o paciente necessita realizar neste dinamismo.

De acordo com Garcia-Roza (2009), neste momento “Aquilo sobre o qual vai incidir a defesa é sobre os representantes psíquicos da pulsão, os quais vão conhecer destinos diversos” (p.126). Os destinos mencionados pelo autor, são onde atuaram o manejo dos terapeutas, considerando aqui o cavalo como atuante mútuo neste jogo.

Autores da psicanálise, destacam que as defesas se originam da angústia e temor do paciente, no caso da pessoa autista, essa angústia não deve ser vista como unicamente um sintoma a ser extinto. Ferreira e Vorcaro (2017), assinalam que “[...] as invenções do sujeito no autismo e suas implicações devem ser acolhidas como um trabalho e não como manifestações clínicas de uma patologia” (p.123). Já que as mesmas apontam um caminho da expressão inconsciente.

Para Freud (2010) “Um evento como o trauma externo vai gerar uma enorme perturbação no gerenciamento de energia do organismo e pôr em movimento todos os meios de defesa” (p. 141). Comunicar um trauma, ou uma desordem emocional, não é uma tarefa simples, levando em consideração que algumas pessoas autistas, por vezes, não possuem comunicação oral. Discorrendo sobre este assunto, Almeida (2021), contextualiza:

Alguns estudos mostram que comportamentos desafiadores, como a agressividade, pode ter a função de comunicar algo (e.g. auxílio ou atenção, protesto frustração, provocação dos colegas) que a criança não consegue de outra forma, devido a sua dificuldade na área da comunicação e da linguagem

(p. 81).

Pensando mutuamente na ligação entre o campo das linguagens e as defesas, Ferreira e Vorcaro (2017). Afirma:

[...] é justamente o acontecimento do corpo que acompanha a inserção do sujeito no campo da linguagem. Daí também o sujeito sofrer os efeitos de horror produzidos pela linguagem, dos quais, cada um ao seu modo, um autista tenta incansavelmente, com seu trabalho de se defender. A Clínica possibilita apreender as manifestações deste “traumatismo” da linguagem sobre o sujeito, ora com o uso particular que faz da língua, ora com o mutismo a que se impõe recorrer (p. 99).

Dentro das funções psíquicas inconscientes, que a figura do cavalo em equoterapia pode fornecer, está a função corpórea extensiva, proporcionando a expressão do indivíduo. Em suma, Lermontov (2004), considera “O cavalo pode ser considerado como um prolongamento do corpo do praticante, pois o praticante toma posse do corpo animal, tendo-o como seu e levando-o aonde ele quiser” (p. 101). A autora prossegue relatando, que esta dinâmica é uma etapa, já que em algum momento o cavalo irá se impor enquanto um outro, dando ao praticante a possibilidade de compreender sua expressão individual, logo com os outros seres sociais que o cercam.

Segundo a psicóloga Ylna O. Nascimento, citada no material da (ANDE, 2010) “O Cavalo atua não apenas como um espelho onde são projetadas as dificuldades, progressos e vitórias, mas também como novo estímulo, que propicia novas percepções e vivências” (p. 62). A projeção é um dos mecanismos psíquicos necessários para o desenvolvimento emocional dos indivíduos, fundante do ego e em relação direta com a corporeidade.

Garcia-Roza (2009) ancorado nas ideias de Freud, salienta “[...] sendo um efeito das sensações corporais e encarado, ele próprio, como uma projeção da superfície corporal. O ego é, primeiro, e acima de tudo, um ego corporal” (p.207). O trabalho da psicanálise na posição clínica é primordialmente, oferecer espaço a escuta ampla, de ego e corpo.

Para Ferreira e Vorcaro (2017) “Na polifonia das vozes dos autistas, podemos escutar como se arranjam com real em jogo no autismo, com as desordens do gozo num corpo que por vezes não habitam com a linguagem com o outro e o Outro [...]” (p.71). Esse outro, com O maiúsculo, citado pelas autoras, refere-se às conquistas da

linguagem na possibilidade de troca psíquica e estabelecimento de nossas relações sociais, levando em consideração nossa corporeidade e sentidos simbolizados neste encontro, que anteriormente é sempre inconsciente, ligado com o desejo e as angústias que são de desconhecimento da nossa estrutura racional.

Em suma, este ouvir está afinado ao que o sujeito deseja encontrar, a fim de organizar sua realidade psíquica. Garcia-Roza (2009) complementa que “[...] a psicanálise não vai colocar a questão do sujeito da verdade, mas a questão da verdade do sujeito. Ela vai perguntar exatamente por esse sujeito do desejo que o racionalismo recusou” (p.23).

Por fim é possível dizer que, na interface equoterapêutica, o fazer psicanalítico, pode propor a análise das interações psíquicas no intermédio homem e equino, no jogo criativo, que é ser pertencente ao mundo real, com nossa dinâmica animalésca e humana no discurso das linguagens e dos nossos corpos, físicos e psíquicos.

## **METODOLOGIA DE PESQUISA: UM PERCURSO CONSTRUÍDO**

O presente trabalho, tem como vértice sua adequação a modelos de pesquisa alinhados com o estudo de caso, visto que objetivamente, além de relatar uma experiência vivencial, tem como intenção observar esses relatos dentro de uma teoria específica de intervenção, neste caso a psicanálise. Corroborando, Mendonça (2014) postula:

Um caso é um acontecimento no mundo real que uma teoria pressupõe no mundo abstrato. O caso é tomado como unidade significativa do todo e, por isso, suficiente tanto para fundamentar um julgamento fidedigno quanto para propor uma intervenção (p. 55).

Além de propor uma teoria sobre os acontecimentos, enquanto método de pesquisa, o estudo de caso abrange uma característica habitual nas pesquisas desenvolvidas na área da saúde, que é a concepção descritiva e exploratória de um único acontecimento (Serralta, Nunes e Eizirik, 2011). Neste caso, os atendimentos em equoterapia com uma criança autista, sem deixar de levar em consideração os fenômenos que envolvem as relações interpessoais dos indivíduos e do espaço.

Esta pesquisa pretende-se qualitativa, já que os levantamentos dos dados decorrem deste acontecimento específico. Mendonça (2014) relata que “Para a coleta de dados no estudo de caso geralmente utilizam-se as técnicas da pesquisa qualitativa” (p. 48). Considerando o aspecto qualitativo, o tratamento dos dados prevê

um teor descritivo das etapas apresentadas neste estudo.

## DELINEAMENTO DO ESTUDO

Esta pesquisa foi realizada no ano de 2023, tendo por objetivo, compreender quais podem ser as possibilidades de trabalhar relações vinculares de uma criança autista dentro da equoterapia. Nesta pesquisa, o participante principal do estudo foi a criança, selecionado de modo convencional, por estar incluso nos atendimentos em equoterapia, ofertados em um centro equoterapêutico do oeste de Santa Catarina. Tomando como variáveis a serem também consideradas, o espaço do centro equoterapêutico, os terapeutas e os animais envolvidos nos atendimentos.

Os dados foram coletados, através de documentos produzidos pela equipe que o atendeu em relatórios realizados após as sessões. Estas sessões correram no ano de 2022, semanalmente, e duravam aproximadamente 30 min. O praticante foi atendido por quatro profissionais, sendo eles: Terapeuta Ocupacional, Equitador, Auxiliar de montaria e Psicólogo. As sessões que serviram como base do estudo foram discriminadas pelo mesmo profissional de psicologia que o atendeu e por consequente realizou esta pesquisa.

Não obstante, “Estudos de caso realizam descrições cuidadosas, detalhadas e aprofundadas, que podem ser realizadas através de variadas técnicas de avaliação ou mensuração” (Serralta, Nunes e Eizirik, 2011, p. 506). Sendo assim, tratou-se de organizar de modo estruturado o material coletado onde encontra-se as descrições do participante, dos animais, do local e dos documentos utilizados.

## PARTICIPANTE E/OU PRATICANTE

Ao descrever a condição neurotípica do participante deste estudo de caso, vale destacar que o mesmo não possui ainda a comunicação oral de sua linguagem, considera-se que o melhor trato denominativo, partiria de sua autodescrição, em relação a sua condição de criança autista, como essa etapa não foi possível, ao refiar-se a sua neurodiversidade, quando necessário, usaremos o termo “criança autista”. No entanto, durante as descrições que se seguirem o chamaremos de R.J.

O praticante R.J, quando foi inserido nos atendimentos de equoterapia, no ano de 2022, possuía oito anos de idade. R.J, se apresenta no nível três de suporte dentro

de sua condição de criança autista, isto significa que necessita de apoio e mediação para suas atividades diárias. Em sua socialização, R.J, além de evitar contatos com grupos de pessoas, quando inserido num contexto de maior sociabilidade tende a irritação e agressividade, portanto seu processo de vinculação acontece com maior facilidade com seus familiares e pessoas de seu convívio diário. Apresenta senso identitário reconhecendo a si e ao outro, quando vinculado expressa e constrói laços afetivos.

A sua comunicação acontece através de gestos corporais e expressões faciais, indica seus gostos e desejos por apontamento, ou levando a pessoa até o objeto, ambiente ou situação que deseja compartilhar. Quanto a sua insatisfação, na maioria das vezes expressas com agitação corporal, gritos, choro, movimentos de esquiva e fuga. R.J, compreende e executa algumas orientações simples de ordem prática. É válido considerar que R.J, possui nacionalidade venezuelana, na sua casa, o idioma espanhol se faz presente e o mesmo responde comandos na língua espanhola, bem como assiste filmes, vídeos e ouve músicas neste idioma.

No seu comportamento apresenta diferentes níveis de ansiedade, agitação e estereotípias, necessitando de ambiente organizado. Possui algumas fixações objetais não permanentes, por apresentar inseguranças em cenários distintos, ou seja, situações que desordenam sua rotina e causam desconforto, nem sempre essas situações são observáveis no momento de desencadeamento de suas funções compensatórias. R.J compreende e assimila ao seu modo os contextos gerais de onde está inserido, gosta de música, aprende e reproduz aprendizagens. Esta descrição trata-se de um recorte condensado de sua subjetividade. Sua estrutura psíquica e possibilidade de desenvolvimento humano não se reduzem os sintomas que apresenta.

## LOCAL E ESTRUTURA FÍSICA

A pesquisa aconteceu em um espaço de equoterapia construído por uma instituição filantrópica, com recursos de ordem pública e privada, esta instituição atende pessoas com deficiência intelectual, múltipla e pessoas autistas. Os atendimentos oferecidos por esta unidade ocorrem em três esferas, saúde, educação e assistência social. O ambiente de equoterapia localiza-se externamente a instituição, é composto por um campo a céu aberto, cercado, onde os praticantes

realizam montaria e atividades de solo, funcionando também como espaço de convívio e socialização dos equinos.

A parte coberta e interna do centro de equoterapia é composta por uma antessala, ou sala de espera, onde a pessoa aguarda o atendimento, além de servir de espaço para pré intervenções sem o animal, um espaço para criação de vínculo e dessensibilização. Em seguida, temos a sala de atividades, com chão mais rústico, onde na lateral ficam os equipamentos que serão utilizados com os cavalos (sela, estribo, barrigueira, mantas e pelegos), juntamente com materiais que podem ser utilizados pelos equoterapeutas (brinquedos psicopedagógicos em geral). Possui também uma mesa central onde o praticante se ambientaliza um pouco mais com o espaço, pois em seguida no mesmo local, lateralmente, no lado direito, estão dispostas três baias, onde os cavalos ficam alocados. No lado esquerdo, localiza-se o feno e a rampa que dá acesso ao picadeiro e serve para montaria.

O picadeiro é a arena coberta, onde realizam-se atividades de montaria e de solo. No canto esquerdo do picadeiro, estão dispostas mais duas baias, o chão é coberto por serragem. Na parede possui alguns quadros de atividades interativas e próximo a saída da rampa, há um espelho disposto na parte de cima da parede, com o intuito de realizar interações e trabalhos corporais, na parte externa do espaço coberto temos dois espaços para banho dos animais. De modo geral, este foi o espaço físico por onde o praticante foi ambientalizado de modo gradativo, durante os atendimentos.

## ANIMAIS

O centro de equoterapia onde ocorreram os atendimentos, possui à disposição cinco cavalos, sendo um macho e as outras fêmeas, são animais que foram doados pela população civil, os gastos com veterinários, alimentação e ambientação são custeados pela instituição à qual o centro está vinculado. Durante os atendimentos o praticante teve contato direto com quatro deles (Gaia, Boneca, Faceiro e Capitu), tendo posteriormente efetivado vínculo com uma das éguas, a Capitu.

Capitu é da raça quarto de milha, chegou até a equoterapia por doação, tem nove anos de idade, é uma égua de porte grande, com boa disposição corpórea e relativamente alta em relação aos outros cavalos, possui pelagem de cor caramelo. Seu comportamento com humanos apresenta-se dócil e equilibrado, em relação aos

outros equinos, tem preferência de ficar sozinha e ter privacidade, principalmente na hora da alimentação e na baia. Sua frequência de andamento é o transpistado e o sobrepistado<sup>5</sup>, o tipo de andamento refere-se aos passos que o cavalo dá, isto significa que dentro destas variações.

## PROCEDIMENTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Antes de efetivar a pesquisa, foram redigidos dois documentos, os quais chamamos de **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Família e Termo de Consentimento para Instituição**, o primeiro deles se endereçava a um responsável legal, já que o participante é menor de idade. O segundo endereçava-se à direção da instituição. Ambos os documentos relataram o teor da pesquisa, seu título, e o levantamento de dados que seriam realizados através dos relatórios de atendimento do praticante. Além disso, o termo ressalta que a pesquisa não possui fins lucrativos, deixando os participantes e responsáveis livres para desistência do estudo se assim desejarem.

Por se tratar de um estudo que faz uso de informações da vivência humana, o mais importante a ser ressaltado nos documentos, foi o resguardo e sigilo das informações pessoais utilizadas na sua construção do artigo, informando que estas ficam no resguardo e responsabilidade dos pesquisadores. Após esta abordagem, família e instituição concordaram com os termos da pesquisa e assinaram respectivamente duas cópias, uma em domínio dos pesquisadores, outra em seus domínios, os documentos foram assinados no dia 28 de março do ano de 2023.

## INSTRUMENTOS UTILIZADOS NO ESTUDO

Os atendimentos de R.J ocorreram depois de procedimentos documentais, constituídos por normativas éticas estabelecidas pela ANDE (2016), que leva em consideração as condições biopsicossociais do paciente para inserção em equoterapia. A condição física é uma preliminar importante, levando em consideração os movimentos psicomotores necessários para interação com os equinos, seja no solo

---

<sup>5</sup> No transpistar: o cavalo apresenta um comprimento de passo longo no qual sua pegada ultrapassa a marca da pegada anterior (frequência baixa), No sobrepistar: o cavalo possui uma frequência média, na qual sua pegada coincide com a marca da pegada anterior (Medeiros e Dias, 2002, p.13 a 14).

e principalmente na montaria. Posteriormente, a equipe multiprofissional da instituição, composta por Psicólogo, Terapeuta Ocupacional, Fisioterapeuta, Equitador, Pedagoga e a coordenação clínica, realizou-se o estudo de caso, a fim de delimitar o que seria trabalhado em equoterapia com R.J.

Este documento, nomeado de **Estudo de Caso Inicial de Equipe** levanta informações sobre as características mais relevantes a serem trabalhadas e posteriormente sugestões em cada área em específico, área psicológica, física/sensorial, pedagógica e fonoaudiológica, também sugestionado o animal que fará as intervenções com o praticante. Realizado este estudo o próximo passo delimita quais terapeutas irão trabalhar com o praticante, neste caso, foi elencado a Terapeuta Ocupacional como equoterapeuta principal e Psicólogo como equoterapeuta auxiliar. Sendo assim, os dois profissionais realizaram o **Planejamento Individual** das sessões.

Este planejamento identifica, qual o programa terapêutico que será realizado em relação ao diagnóstico do praticante, bem como, o objetivo geral das sessões e os objetivos específicos a serem trabalhados, considerando também, estratégias e cuidados especiais necessários. O programa equoterápico foi o da Hipoterapia. De acordo com a ANDE (2010) “Neste caso o praticante não tem condições físicas e/ou mentais para se manter sozinho a cavalo” (p.12). Além disso, é a categoria de entrada para atenção equoterapêutica, onde irá se trabalhar o vínculo do praticante com o ambiente e o animal, o cavalo na hipoterapia é um agente cinesioterapêutico<sup>6</sup>.

Este delineamento ocorre também por conta do objetivo geral da inserção do praticante, delimitado como: “Dar apoio na construção de suas relações afetivas interpessoais”, adjacente ao principal objetivo específico: “Trabalhar na construção de vínculos positivos”. As estratégias tomadas, referem-se em antecipar e organizar as atividades que o praticante iria participar, com o intuito de minimizar possíveis movimentos comportamentais disruptivos. O planejamento individual prevê também quem serão os mediadores, neste caso Terapeuta Ocupacional e Psicólogo, e quais profissionais ficaram responsáveis pelo encilhamento dos animais.

Seguindo o modelo de registro equoterapêutico, fornecido pela ANDE (2016), as descrições das sessões aconteciam logo após os atendimentos, nos denominados **Relatórios de Sessão**, onde se informa o dia da sessão, os mediadores presentes, o

---

<sup>6</sup> “[...] é onde o cavalo torna-se um instrumento dotado de ritmo, oscilação e corpo” (Lermontov, 2004, p. 49).

condutor, o cavalo participante e o tipo de encilhamento utilizado no animal. Os mediadores operam na interseção, praticante, equipe, ambiente e o animal. O condutor da sessão, fica com a parte dos apoios e direcionamentos ao cavalo, estes envolvidos tendo que operar numa visão multiprofissional.

## PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

A organização do levantamento dos dados ocorreu do seguinte modo: o praticante foi inserido nos atendimentos de equoterapia no ano de 2022, realizando dezenove sessões, cada atendimento possuía em média 30 min e ocorriam semanalmente. No ano de 2023, esses atendimentos foram catalogados para a construção deste artigo, que analisará, três das dezenove sessões relatadas. Uma sessão de início dos atendimentos, (22/02/2022), outra no intermédio, (17/05/2022) e por último, uma em que foi possível observar seu desenvolvimento interpessoal (14/06/2022). Esta adequação, busca melhor localizar os acontecimentos e o seguimento da estrutura equoterapêutica desenvolvida para o praticante, em sua temporalidade. Para Serralta, Nunes e Eizirik (2011) “Um estudo de caso avalia processos inter-relacionados numa perspectiva temporal” (p. 505). Dando continuidade a estes processos, os relatos elencados serão analisados de modo conjunto.

Essa etapa de unificação dos dados, é constituinte dos estudos de caso “O que define o caso, portanto, é o fato de ele constituir uma unidade específica, um sistema cujas partes estão integradas (Serralta; Nunes e Eizirik, 2011, p. 505).

Portanto, as sistematizações das análises do estudo serão dispostas, na titulação a seguir, em seus resultados e discussões.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES: ANALISANDO O PERCURSO CONSTRUÍDO

O percurso aqui relatado, advém de recortes, do primeiro, do décimo e do décimo terceiro atendimento, tomamos como ponto de partida, a entrada da criança no ambiente da equoterapia. O praticante iniciou as sessões, sendo informado sobre a atividade que iria realizar. Em relato da primeira sessão: “*R.J veio com o carro da escola, dentro do veículo fez interação com imagens referentes a equoterapia, manteve-se calmo até a chegada*” (sic). A primeira característica a ser destacada é o

próprio ambiente equoterapêutico. Tendo como praticante uma criança com dificuldades adaptativas, o trabalho de vinculação inicia-se, já na apresentação do local e da proposta.

Levando em consideração o cuidado com a apresentação do ambiente, não só pela neurodiversidade do praticante, porque também para a psicanálise, o corpo de qualquer indivíduo é criado pelo ambiente. O psicanalista Zimmerman (2007), destaca “Tudo o que faz o ambiente possibilita ou inibe, acelera ou bloqueia, ajuda para a construção ou ajuda para a destruição de certos processos do sujeito” (p. 427).

Conforme Severo (2010), diferente da maioria das outras TAA (Terapias Assistidas com Animais), na equoterapia o praticante tem uma posição ativa já de início, quando tem de se deslocar até o ambiente em que o cavalo se encontra, sendo todo o espaço um difusor terapêutico, em praticantes com dificuldades de adaptação, esse fator pode ser explorado pelos terapeutas, na aquisição de flexibilidades adaptativas.

Sobre esta relação com o espaço e suas implicações psíquicas, o psicanalista Juan Nasio (2009) aponta que “Na verdade, nosso eu é um eu-extensão; está tanto em nossa cabeça quanto nos seres que amamos, está em nós e fora de nós, dentro da pessoa, animal ou objeto aos quais somos profundamente ligados” (p. 108). Em relatos da primeira sessão, apesar desta antecipação, R.J não partiu de início para construção de um eu-extensão. *“Conduzido para sala de espera, foi necessário realizar contenções, devido a auto-agressões e comportamentos de risco, já que paciente não respondeu de modo positivo a chegada no ambiente”* (sic).

Essa oposição ao ambiente é corroborada pela escrita final destacada no relatório, que mencionava *“A terapeuta foi finalizando com a saída do campo e retorno até o veículo, assim que observou o carro, cessou com comportamentos impulsivos e auto-agressivos”* (sic). Ainda nas considerações de Nasio (2009) “No fundo, uma criança que regride busca apenas uma segurança fundamental: poder dizer-se “Sinto-me eu mesma” (p. 28). Na vinda, R.J, mostrou-se seguro dentro do veículo e seu alívio retornou junto com o carro. Para o autor, reafirmar um local de segurança, regredir e/ou retornar a ele, é inconscientemente uma tentativa de voltar a si mesmo.

Válido afirmar que neste dia R.J foi levado até um dos cavalos, não se aproximando e nem intencionando qualquer tipo de interesse, indicando sempre o desejo de regresso. Não se trata apenas de insistência na permanência de R.J nas

sessões, mas de interpretar o que essas posturas dizem. Evidenciado tal aspecto regressivo Zimerman (2007) considera:

[...] essa regressão pode representar um necessário e estruturante retorno às origens, a fim de recomeçar tudo de novo, de uma maneira mais sadia e em um ambiente mais adequado, como é o espaço da experiência psicanalítica (p. 406).

Em suma, este primeiro atendimento, resume-se em contenções, esquiva do praticante, impulsividades, fugas e auto-agressões. Então, como tornar o espaço equoterapêutico, um eu-extensão para R.J? Freud (2010), ao falar sobre as necessidades de ordem física e sociais dos pacientes, destaca que “É possível que só consigamos realizar algo se pudermos juntar auxílio psíquico e apoio material, [...]” (p. 218), ou seja, para que o corpo simbolize, por vezes, o apoio necessário é de algo concreto e literal, no que se concerne a uma criança com aspectos regressivos.

Nos atendimentos seguintes, com auxílio de um boneco (brinquedo de sua preferência) R.J já havia se aproximado de alguns dos animais, o primeiro que tocou foi a Capitu, no entanto sem realizar a montaria e ainda com episódios recorrentes de agressividade. Pensando no apoio material destacado por Freud, bem como, por Winnicott na teoria do objeto transicional *in* Outeiral (1998) (qual destaca a necessidade de a criança eleger algum objeto de segurança para transitar em locais que considera inseguros). No início de todas as sessões que seguiram, foi ofertado a R.J o boneco.

Na décima sessão, nota-se que esse objeto foi se deslocando. Em relato “*R.J intencionava ir até o picadeiro com certo receio. R.J foi até os armários e pegou o animal de brinquedo (vaca). [...] direcionado verbalmente caso quisesse realizar atividades com o mesmo, R.J pegou outro animal de brinquedo (cavalo) e se dirigiu até a rampa*” (sic).

Outeiral (1998) afirma: “O brinquedo implica confiança e pertence ao espaço potencial existente [...]” (p. 30). Este espaço, conquistado pelo brinquedo e a possibilidade de brincar, trata-se da capacidade da criança sair de sua dependência à figura materna ou de cuidadores e emergir a distintos locais físicos e psíquicos, que antes eram temidos.

Os trabalhos de aproximação do real, também surgem nesta dinâmica do brincar. De acordo com Outeiral (1998) em pesquisa a Anna Freud (1965) “Brinquedos que oferecem oportunidades para atividades do ego, tais como encher-esvaziar, abrir-

fechar, ajustar, misturar, etc, sendo o interesse neles deslocado das aberturas do corpo e suas funções” (p.31). Em relato observa-se que “[...] *na rampa foi mostrado como se descia, R.J intencionou empurrar terapeuta algumas vezes, então foi optado a R.J ser pego na rampa (R.J, pulava e terapeuta segurava o mesmo), fez duas vezes com terapeuta, na segunda houve pequena queda. No entanto, não apresentou irritações e foi dado continuidade, onde posteriormente o Equitador, fez a pegada do mesmo*” (sic).

Este jogo corpóreo entre os terapeutas e o praticante, era encarado como um aspecto do brincar em detrimento de poder ofertar a R.J a opção de montar, aí sim no cavalo real. Em relação ao atendimento psicanalítico com crianças autistas. Segundo Ferreira e Vorcaro (2017)

Podemos dizer que a clínica do autismo é uma clínica com o corpo do analista, que às vezes se vê na função de oferecê-lo como instrumento de trabalho com essas crianças. Muitas vezes o corpo do analista tem que acompanhar o corpo da criança no início do contato. [...] Muitas vezes o corpo do analista funciona quase como anteparo (p.115).

Em equoterapia, pode-se dizer que o corpo do terapeuta serve com um primeiro anteparo para que sequencialmente essa função seja desempenhada pelo cavalo. Lermontov (2004), pontua que “A equoterapia propõe uma relação triangular, entre praticante, cavalo e terapeuta” (p.99). Seguindo relato, notamos: “*Feito então demonstração de subida no cavalo, primeiramente com terapeuta ocupacional, depois com terapeuta auxiliar. R.J observou, depois foi proposto que o mesmo subisse no cavalo, assim foi feito, R.J aceitou, subiu no cavalo, andamos uma volta, com ele no picadeiro*” (sic). Para Zimerman (2007)

Eu sou o Outro, já antecipava Lacan, o eu se constrói a partir do outro. A matéria-prima essencial nesse processo é o corpo do outro, é dele que se retira a substância básica. Pelo brincar, e antes mesmo dele, toda criança deve tratar de construir um corpo e isto só se torna possível pelo ambiente que a circunda (p. 427).

Considerando aspectos da corporeidade psíquica, Nasio (2009) aponta que “Se o corpo imaginário é o corpo visto, o corpo real é o corpo sentido” (p.69). As aproximações de R.J, a mediação dos terapeutas, levando-o a montar, instauram a possibilidade relacional entre o praticante e o animal, antes no corpo imaginado de um brinquedo e agora na possibilidade de um eu-extensivo, no enfrentamento do real.

Ponderando que o desenvolvimento psíquico dos indivíduos não acontece numa esperada linearidade contínua, tanto que no final desta sessão relata-se: *“Foi realizada despedida do animal e direcionado com contenção até a ante-sala, a fim de esperar veículo e ir para casa (Saiu aparentemente estável, motorista relatou que no carro apresentou agressividades, batendo com intensidade). Durante a montaria, rangeu os dentes (sic).*

O modo como irá ser interpretado o desenvolvimento do praticante necessita de flexibilidade. “O corpo é uma força que se dirige para os seres e as coisas que proporcionam seu desenvolvimento, mas também uma força se opondo aos seres e às coisas que entram seu desenvolvimento” (Nasio, 2009, p. 122).

Alguns “entraves” devem ser acolhidos como um passo intencional da criança autista. De acordo com Ferreira e Vorcaro (2017) “A aposta é de que, por essa via, a criança esteja fazendo uma convocatória, não uma demanda. Essa convocatória que, sob transferência, abre uma porta de entrada ao analista” (p. 125). Nota-se que na sequência das sessões a construção vincular de R.J, apresenta-se mais operante na figura dos terapeutas. *“R.J, foi até o animal, sugestionando o uso do quepe, não aderiu de primeira, cumprimentou ao seu modo a Capitu. Alcançando os instrumentos para equitador, dirigiu-se ainda com sinais de irritação até a rampa, abraçou a terapeuta, subiu no cavalo, mostrando-se satisfeito” (sic).* Concebendo a posição de R.J, abrimos reflexão para suas ordenações afetivas frente ao animal e os terapeutas.

A experiência de satisfação, a partir da qual poderemos entender os afetos e os estados de desejo, está ligada à concepção freudiana de um estado de desamparo original do ser humano. Ao contrário da maioria dos animais, o ser humano possui uma vida intrauterina de duração reduzida, o que lhe confere um despreparo para a vida logo ao nascer. Sua fragilidade em face das ameaças decorrentes do mundo externo o coloca numa total dependência da pessoa responsável pelos seus cuidados (Garcia - Roza, 2009, p. 54).

Para o autor essa condição humana ponderada por Freud, acontece nos domínios físicos e psíquicos, o trabalho a ser realizado é o de tornar-se o local de cuidado possível para o outro, porque independente de nosso avanço físico, essa inscrição de desamparo nos circunda por toda vida mental/psíquica. A inserção do cavalo neste contexto remete ao desejo de montaria que despertou no praticante, gerando a possibilidade de criar um eu-extensão citado anteriormente por Nasio (2009). A ambientalização ocasiona estender nosso eu nas pessoas e animais pela

quais nos dão espaço emocional para criação de vínculo e por consequência o aprendizado inter-relacional.

Nas palavras de Lermontov (2004) “Um ser autônomo, vivido e mediador, pois é através do cavalo que o terapeuta consegue obter respostas do praticante, que se solicitadas de maneira direta não conseguiria” (p. 102). Além disso, a partir dessas interações simbólicas cria-se uma linguagem relacional com as propostas e objetos equoterapêuticos “[...] *dado duas voltas até ofertar novamente o quepe, desta vez aceitou, andamos no campo, a céu aberto, alternando alguns movimentos, erguendo e abaixando os braços*” (sic).

Considerando estas correlações, Zimmerman (2007) ao explorar a teoria vincular proposta pelo psicanalista Wilfred Bion, comenta o seguinte: “Bion estendeu o conceito de vínculo a qualquer função ou órgão que, desde a condição de bebê, esteja encarregado de vincular objetos, sentimentos e idéias, uns aos outros” (p. 164). Reafirmando que a existência de vínculos, permite que nós enquanto sujeitos nos relacionar com os objetos oferecidos pelo outro, depois os sentimentos, situações e por fim com os seres que introjetamos afeto. Tendo estas interlocuções uma relação dialética.

Nas conquistas tanto objetais, quanto de movimentos corporais ofertados na equoterapia para R.J, percebesse sua demonstração emocional frente aos desafios impostos. “*R.J apresentava insegurança na tentativa de mudança de movimentos em cima do cavalo, não quis descer do cavalo, orientado, após ter feito contato visual com o carro, insegurança no descer também, segurou a sela, dirigiu-se sem maiores resistências até o carro*” (sic). Conforme postula Nasio (2009), em de seus conceitos sobre a interação corporal na proposta terapêutica.

A imagem-ação não é representada no papel, nem refletida no espelho, nem inscrita na cabeça, ela intervém nos movimentos corporais de um sujeito que não percebe que seu comportamento põe em cena um vivido emocional antigo do qual ele não tem lembrança (p. 66).

Essa vivência, representada ainda em sensações corporais e expressivas por R.J, pode datar de uma construção psíquica anterior que ainda não habitou a comunicação verbal. No entanto, para Freud (2010) “Pode-se facilmente compreender por que; na criança, o consciente ainda não ganhou todas as suas características, ainda está em desenvolvimento e não possui totalmente a capacidade de converter-

se em representações verbais” (p. 92). E este desenvolvimento parte do local espontâneo do sujeito, o tempo a se alcançar é do seu inconsciente, ou seja, subjetivo e atemporal, não ao requerimento imediato do mundo e do outro.

Ademais, nesses intercursos equoterapêuticos a intenção era apenas a escuta para além das palavras, mas utilizar os recursos que todos os envolvidos poderiam trazer em benefício ao praticante. De acordo com Zimerman (2007)

[...] na atualidade cabe ao analista não só a compreensão e a interpretação daquilo que está explicitamente significado e representado no discurso verbal do paciente, mas também cabe-lhe a descodificação das mensagens implícitas do que está subjacente ao verbo, ou oculta por este, assim como também na ausência do verbo, como algum gesto, somatização, atuação, etc. Da mesma forma, o foco de interesse dos aspectos da linguagem e da comunicação, na análise contemporânea, não está centralizado unicamente naquilo que provém do analisando, porém igualmente consiste naquilo que diz respeito à participação do terapeuta. Mais precisamente, cada vez mais, valoriza-se não tanto a comunicação do paciente ou a do analista, mas, sim, a que se estabelece entre eles (p.359).

Esse espaço relacional, (praticante, cavalo e terapeuta), conta com agentes ativos nas construções de laços, a fim de restaurar espaços possíveis aos desenvolvimentos do sujeito, e quiçá dos sujeitos. “Na equoterapia, o cavalo é uma novidade em relação às outras técnicas terapêuticas, pois ele não é uma pessoa nem um objeto, mas um ser vivo e comunicante que pode ser carregado de significados simbólicos” (Lermontov, 2004, p. 99). Poder interpretar quais as possibilidades adaptativas e de vínculo que o encontro de R.J, com o cavalo e o ambiente da equoterapia pudesse proporcionar, converge com a intenção dos dois locais terapêuticos, equoterapia e psicanálise, olhando o discurso de R.J, não só pela perspectiva única de seus sintomas.

## **CONCLUSÕES DE UM PERCURSO ANALISADO**

A premissa objetiva dos atendimentos em equoterapia, era a de proporcionar ao praticante novas perspectivas vinculares, em que vários agentes de saúde biopsicossocial, em destaque para figura do cavalo, auxiliassem em seus avanços físicos e psíquicos durante o processo equoterapêutico. Este trajeto demonstrou a face transdimensional que é o desenvolvimento de um ser humano.

Em vários momentos o retorno da criança para algum lugar desconhecido de seu dinamismo psíquico, desafiam a continuidade dos atendimentos e intervenções,

posto que além da atenção à saúde, lidamos com a prerrogativa de um tempo que exige resultados as vistas grossas, numa aceleração que parece ser denunciada pelas pessoas autistas e pela própria ideia das terapias assistidas com animais. Um retorno à nossa infância primitiva e até animalesca exige tempo, paradoxalmente, parece que é só neste local, que teríamos uma continuidade mais saudável com o mundo e com os seres que nos cercam, sem hierarquias.

Frente a um diagnóstico que pode ser encarado como um mal a ser “curado”, observa-se que a abordagem psicanalítica em equoterapia, tendo como praticante uma criança autista, questiona as prerrogativas mais incisivas do diagnóstico, visto muito vezes apenas pela ótica biomédica, até porque pode-se destacar o avanço interacional que o praticante conseguiu obter consigo e com os outros que o cercam, também para fora dos atendimentos em equoterapia.

Essa observação poder ser levantada, por também ter atendido a criança como psicólogo clínico em outros contextos, na instituição que está inserido, com atendimentos estendidos, também a sua família. Outra conquista a ser pontuada, é a de conseguir observar o sujeito para além de sua sintomatologia, interpretando que local simbólico o cavalo ocupa e vem ocupando nas repercussões de segurança que por vezes ele necessite durante a vida.

Os processos inconscientes da criança, mostraram o quão necessário é conquistar um lugar de segurança para voltar, primeiro ele se apresenta como físico, depois no decorrer da vida ele se torna psíquico, mas desde que exista, que retornar seja seguro, acolhedor e possível. Numa analogia, que inconscientemente, a figura do cavalo signifique um retorno de coragem, astúcia e potencialidade para esta criança, que cavalgue por muito tempo com suas fragilidades inerentes de ser humano no dorso de uma segurança conquistada por ninguém mais, ninguém menos, que ele próprio, cavaleiro de sua própria vida.

As intervenções realizadas que aqui foram registradas, condensam um atendimento que ainda se segue, com tantos outros alcances. Unir as prerrogativas preconizadas pela modalidade da equoterapia, juntamente com contribuições práticas e teóricas da psicanálise, nos leva a reflexão sobre o modo como podemos organizar os vínculos humanos em relação mútua com os animais, isso numa perspectiva conjunta e não separatista. As Terapias Assistidas com Equinos, aqui Equoterapia, sendo estabelecida dentro de um contrato ético e científico, resultam em uma tecnologia das ciências humanas, capaz e efetiva.

## **EQUINE ASSISTED THERAPY FOR AN AUTISTIC CHILD: CONTRIBUTIONS OF PSYCHOANALYSIS**

**Abstract:** This work seeks to observe the inter-relational dynamics of an autistic child in the context of equine assisted therapy, investigating their emotional and bonding processes based on psychoanalysis. The case study is applied as a research method, aiming to designate the reports of care in an analytical position, using authors who discuss the themes of hippotherapy, autism and psychoanalysis, Severo (2010), Almeida (2021) and Freud (2010) in his writings from (1917 to 1920). It is concluded in this study that equine assisted therapy applied from an ethical and caring perspective contributed to the psychosocial development of the child attend, as well as, together with psychoanalysis, they present themselves as therapeutic alternatives, capable of questioning prejudices and stigmas in the treatments offered to autistic people..

**Keywords:** Equine Assisted Therapy. Autism. Psychoanalysis.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Flavio Aparecido de. (org). **Autismo [livro eletrônico] : avanços e desafios**. Científica Digital, Guarujá, São Paulo, 2021.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CELESTE, Leticia Correa; PEDRA, Amanda de Carvalho; REZENDE, Alexandre (org). **Comunicar com equoterapia: efeito da equoterapia na reabilitação de pessoas com transtorno do espectro autista**. Editora CRV, Curitiba, 2022.

CINTRA, A.G.C. **O Cavalo - Características, Manejo e Alimentação**. Editora: Roca. São Paulo, 2011.

DOTTI, Jerson. **Terapias e Animais**. PC Editorial, São Paulo, 2005.

ANDE, Associação Nacional De Equoterapia (Org). **Curso Básico de Equoterapia I**. Centro Equestre Cantagalo e Centro de Equoterapia Santa Maria, Florianópolis/SC, 2010.

ANDE, Associação Nacional De Equoterapia (Org). **Princípios Éticos na Equoterapia na Equoterapia**. Brasília, 2016.

BRASIL. Lei 13.146/2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, 6 de julho. 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm): 15 jul. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.830, de 13 de maio de 2019. Lei Brasileira da Regulamentação da Equoterapia. **Diário Oficial da União**, Brasília, 6 de julho. 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/lei/l13830.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13830.htm). Acesso em: 10 de mar. 2023.

FREUD, Sigmund. **História de uma Neurose Infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do Princípio do Prazer e Outros Textos (1917-1920)**. Tradução: Paulo César de Souza, Companhia das Letras, São Paulo, 2010.

FERREIRA, Tânia; VORCARO, Angela. **O tratamento psicanalítico de crianças autistas: diálogo com múltiplas experiências**. 1ª ed. Editora Autêntica, São Paulo, 2017.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o Inconsciente**. 24ª ed. Edição de Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

LERMONTOV, Tatiana. **A Psicomotricidade na Equoterapia**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004.

JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. Editora Nova Fronteira, 5ª Ed. Rio de Janeiro, 1964.

MENDONÇA, Ana Warley (org.). **Metodologia para estudo de caso: livro didático**. Revisão Diane Dal Mago. Palhoça: UNISUL Virtual, 2014. 99 p.: il.; 28 cm.

MEDEIROS, Mylena Medeiro; DIAS, Emília. **Equoterapia Bases e Fundamentos**. Editora Revinter, Rio de Janeiro, 2002.

NASIO, Juan David. **Meu corpo e suas imagens**. Editora Jorge Zahar; Tradução André Telles, Rio de Janeiro, 2009.

ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.14, n.1, p.67-77 , 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000100012>. Acesso em: 25 ago. 2023.

OUTEIRAL, José. (org.). **Clínica psicanalítica de crianças e adolescentes: desenvolvimento, psicopatologia e tratamento**. Editora Revinter, Rio de Janeiro, 1998.

SCHMIDT, Carlo (org.). **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Editora Papyrus, São Paulo, 2013.

SERRALTA, Fernanda Barcelos; NUNES; Maria Lucia Tiellet; EIZIRIK, Cláudio Laks. **Considerações metodológicas sobre o estudo de caso na pesquisa em psicoterapia.** Estudos de Psicologia, Campinas, V. 28(4), p. 501-510, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000400010>. Acesso em: 01 set. 2023.

SEVERO, José Torquato (org.). **Equoterapia: equitação, saúde e educação.** Editora Senac, São Paulo, 2010.

SILVA, S. C. da; GESSER, M.; NUERNBERG, A. H. **A contribuição do modelo social da deficiência para a compreensão do Transtorno do Espectro Autista.** Revista Educação, Artes e Inclusão, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 187-207, 2019. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/12897>. Acesso em: 25 ago. 2023.

SOARES, Daniela Fonseca Genelhu; PINTO, Edcarlos Freitas; SILVEIRA, Marlise Almeida da; FERREIRA, Raquel Carvalho. (orgs). **Terapia assistida por animais: teoria e prática.** Editora FUNEC, Caratinga/MG, 2018.

SMYTHE, R.H. **A Psique do Cavalo.** Tradução: Irvénia Luiza de Santis Prada e Thiago Luiz de Salles Gomes; Editado: INTENATIONAL DATA S. A, Carmelo Gil, 10 – 2º. São Paulo, 1990.

SP, Prefeitura de São Paulo. **Manual dos Direitos da Pessoa com Autismo.** Escola do Parlamento Câmara Municipal de São Paulo, São Paulo, 2021.

UZUN, Ana Luiza De Lara. **Equoterapia: aplicação em distúrbios do equilíbrio.** SP: Ed. Vetor, 2005.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática.** – Artmed, Porto Alegre, 2007.